

A chave dos Sessenta

Editorial de *Correio*, revista da *Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 60, Rio de Janeiro, EBP, 2008.

Marcus André Vieira
Diretor-Geral da EBP

Temos quase aversão aos números. Eles encarnam, hoje mais que nunca, a quantificação generalizada, a desmedida ambição contemporânea de cifrar a vida. Mas seus usos são múltiplos e não se esgotam nisso. Lacan não os temia, era assíduo freqüentador. Deles, soube nos apresentar outras faces. A cifra, tal como em Borges, pode falar da “inalterável soma de vezes que te dá o destino” para desfrutar da “amizade silenciosa da Lua” ou dos momentos em que é inútil “abrir todas as janelas do mundo” “para decifrá-la”, porque ela simplesmente não está.

O que poderia dizer o sessenta do Correio da EBP? Seguindo nosso *gaucho* genial, podemos apostar na lista, que é algo muito mais vivo do que tendemos a pensar: *Sessenta* números do Correio; *Cinquenta* de Opção Lacaniana; *Treze* anos da EBP, hoje em *Vinte e cinco* cidades; *Quatrocentos e vinte e cinco*, entre membros, aderentes e correspondentes; *Seis* Institutos do Campo Freudiano; *Dezesseis* Encontros Brasileiros; *Oito* Colóquios da EBP; *Setecentos* textos em nossa Biblioteca Virtual; e por aí vai. A lista é um ciframento. Ela, porém, nos situa no avesso do que propõe o cognitivismo ambiente (que tanto no campo “psi”, quanto na economia e na política também aposta nas cifras). Ela não estabelece nenhuma fórmula ou cálculo entre seus elementos, nada de produzir um saber objetivado sobre a pseudo-essência da EBP. Ao mesmo tempo, que cego não vê o quanto ela traz de uma inexorável presença, da firme insistência que traduz um mundo de Uns-a-Uns sustentando a *Escola Brasileira de Psicanálise*?
Boa leitura!

Borges, J. L. Obras Completas, vol. IIIp. 337 Barcelona, Emecé, 1996.